

A questão das competências

Mariná Holzmann Ribas*

RESUMO

Este texto é o resultado de uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de esclarecer o que se vem entendendo por competências, habilidades e capacidades, tendo em vista que são termos polissêmicos. A elaboração do texto visa trazer informações, em especial aos professores da educação básica, de uma forma mais acessível, como alguns autores vêm concebendo os termos já citados, nas pesquisas divulgadas na última década e tentar explicitá-los, uma vez que, principalmente, a conceituação de competência está recebendo diferentes e contraditórias significações nos meios escolares, o que dificulta a orientação da prática pedagógica dos profissionais da educação e de instituições que perspectivam a implantação/implementação de outra estrutura para a educação.

Palavras-chave: competências, habilidades, capacidades, competência profissional

A reflexão dos estudiosos preocupados com a educação brasileira, em especial com as mudanças advindas das reformas educacionais com suas novas diretrizes, traz em si algumas dificuldades. Uma delas é que, em grande parte de vezes, passa-se a utilizar velhos termos, com novos sig-

nificados, devido ou a releituras de estudiosos mais antigos que se destacaram por algum feito em determinado momento, e que agora é uma questão novamente em voga, ou a concepções mais recentes. Acrescenta-se, ainda, que a Língua Portuguesa nem sempre facilita esta empreitada,

* Professora Doutora da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação em nível de Mestrado.

pois é constituída por um grande número de termos polissêmicos, ou seja, uma mesma palavra pode possuir muitas significações, um termo pode ser usado com várias acepções.

Os estudos da área de educação e trabalho, nos dias de hoje, vêm empregando, amplamente, os termos: competências, capacidades e habilidades. Esses termos conformam-se como polissêmicos.

A elaboração do texto visa trazer informações, em especial aos professores da educação básica, de uma forma mais acessível, sobre como alguns autores vêm concebendo os termos citados, nas pesquisas divulgadas nos últimos anos e tentar explicitá-los, uma vez que, principalmente, a conceituação de competência está recebendo diferentes e contraditórias significações nos meios escolares, o que dificulta a orientação da prática pedagógica dos profissionais da educação e de instituições que perspectivam a implantação/ implementação de outra estrutura para a educação.

É bem verdade, que mais significativo do que estabelecer diferenças entre habilidades e competências é descrever e organizar a diversidade das competências. Como esclarece PERRENOUD (2000 b), definir se temperar um prato, reler um texto ou organizar uma festa são habilidades ou competências teria sentido se isso conduzisse a funcionamentos mentais muito diversos.

Porém, não é o que se dá. De

acesso fácil ou difícil, concreta ou abstrata, uma competência possibilita encarar normal e de maneira adequada um conjunto de afazeres e de situações, recorrendo para conhecimentos, informações, métodos, técnicas, procedimentos ou outras competências mais específicas.

Mesmo dentro desse posicionamento, optamos em trazer algumas idéias que já estão postas, a fim de que não permaneçam dúvidas conceituais.

Segundo autores como DUGUÉ (1994), BORDALLO e GINESTET (1993), pode-se conceituar competência como:

* conjunto de saberes, saber-fazer, saber-ser e saber-agir, necessários, ao longo do tempo, para o exercício de uma profissão; inclui-se aqui, nas palavras dos autores, por considerar-se que também faz parte do conjunto de saberes, o fazer saber;

* capacidade de utilizar os conhecimentos e as habilidades adquiridas para o exercício de uma situação profissional;

* capacidade para usar habilidades, conhecimentos, atitudes e experiências adquiridas para desempenhar bem os papéis sociais;

* capacidade para aplicar habilidades, conhecimentos e atitudes em tarefas ou combinações de tarefas operacionais.

Como é possível observar nessas concepções, competências envolvem capacidades e habilidades. Sendo assim, é de bom alvitre que esses ter-

mos também sejam elucidados. São dos autores já citados as explicitações a seguir.

Capacidades podem ser concebidas como:

* potencialidades a serem desenvolvidas independentemente de conteúdos. Tudo aquilo que possibilita maior transferência de aprendizagem. Não são inatas, são desenvolvidas ao longo de um processo educativo, seja ele formal ou informal.

Habilidades são:

* atributos relacionados a dimensões diferenciadas: cognitivas, motoras e atitudinais;

* atributos básicos para a geração de competências e capacidades.

As habilidades podem ser categorizadas de diferentes maneiras: habilidades básicas (falar, ouvir, ler, escrever, calcular), habilidades cognitivas (pensar criativamente, tomar decisões, resolver problemas, perceber com acuidade, saber como aprender, raciocinar), e qualidades pessoais (responsabilidade, auto-estima, sociabilidade, autogerenciamento, integridade/honestidade, disciplina).

Para PERRENOUD (1999, p. 30), em certo sentido, a

habilidade é uma 'inteligência capitalizada', uma seqüência de modos operatórios, de analogias, de intuições, de induções, de deduções, de transposições dominadas, de funcionamentos heurísticos rotinizados que se tornaram esquemas mentais de alto nível ou temas que ganham tempo, que 'in-

serem a decisão'.

É importante deixar claro que quando se trata de competência profissional o assunto é bastante discutido por estudiosos franceses, particularmente, para melhor situar e orientar as questões de formação contínua de professores. Isso não quer dizer que autores de outra nacionalidade, como por exemplo os brasileiros, há algum tempo não tratem do assunto. Dos autores brasileiros, já bastante divulgados, que desenvolvem trabalhos sobre o tema, destacamos Guiomar Namó de Mello, cujos trabalhos abordam a competência profissional nas dimensões técnica e política; Pedro Demo, que tem, obstinadamente, discutido a competência formal e política; Terezinha Azeredo Rios, que define competência como saber fazer bem.

Segundo RIOS, falar em competência é a mesma coisa que falar em saber fazer bem, quando afirma:

minha definição de saber fazer bem como sinônimo de competência, em princípio aproxima-se da posição dos educadores que apresentam esse fazer bem numa dupla dimensão: técnica e política. (...). Afirmo que o saber fazer bem tem uma dimensão técnica, a do saber e do saber fazer, isto é, do domínio dos conteúdos de que o sujeito necessita para desempenhar o seu papel, aquilo que se requer dele socialmente, articulado com o domínio das técnicas, das estratégias que permitam que ele,

digamos, 'dê conta de seu recado', em seu trabalho (RIOS, 1993, p.46-47).

ALARCÃO (1996, P.13), no estudo que faz sobre as perspectivas de formação profissional, em SCHÖN, concebe competência como

um saber-fazer sólido, teórico e prático, inteligente e criativo que permite ao profissional agir em contextos instáveis, indeterminados e complexos, caracterizados por zonas de indefinição que de cada situação fazem uma novidade a exigir uma reflexão.

Na realidade, é um saber-fazer muito próximo da sensibilidade do artista e que é inerente ao trabalho dos bons profissionais.

Ressalte-se, então, que em variadas situações, a prática é dirigida não só por conhecimentos, determinados modelos ou por algum tipo de planejamento, mas por outros elementos: perspicácia, sensibilidade, percepção, "sexto sentido", intuição. Fatores que se mobilizam, principalmente, quando surgem problemas complexos, situações de urgência, ou quando um comportamento não é facilmente interpretável; ou seja, nos momentos de perplexidade em que há a surpresa por acontecimentos não-habituais na prática. Nesses momentos, nem sempre os modelos de que se dispõe resolvem a dificuldade.

Assim, a competência para o encaminhamento dado às situações parece advir da rotina, do automatismo. Confia-se muito em "esquemas de

ação, de percepção e de decisão parcialmente inconscientes" (BOURDIEU, 1972). Isso faz com que muitos profissionais tenham a impressão de agir, muito mais pelo que são, com sua personalidade e sua experiência, do que por tudo o que estudam e refletem. Porém, não é assim que acontece.

Em estudos realizados por PERRENOUD (1999, p.24),

uma competência com uma certa complexidade envolve diversos esquemas de percepção, pensamento, avaliação e ação, que suportam inferências, antecipações, transposições analógicas, generalizações, apreciação de probabilidades, estabelecimento de um diagnóstico a partir de um conjunto de índices, busca de informações pertinentes, formação de uma decisão, etc.

É importante observar, então, que uma competência não surge do nada, não nasce pronta e acabada, é construída por ensaios e erros, hesitações, repetições, raciocínios e decisões conscientes. Seu desenvolvimento é gradativo, pode chegar a uma automatização e constituir-se em um esquema complexo. A competência

não se forma com a assimilação de conhecimentos suplementares, gerais ou locais, mas sim com construção de um conjunto de disposições e esquemas que permitem mobilizar os conhecimentos na situação, no momento certo e com discernimento (Id. Ibid. p.31).

Ainda, de acordo com o mesmo

autor, os múltiplos entendimentos da noção de competência não impedem de estabelecê-la como: uma capacidade de agir de forma eficaz em um certo tipo de situação, tendo por base conhecimentos adquiridos, mas sem ficar a eles limitado.

Para PERRENOUD (2000, p.15), o conceito de competência mereceria muitas discussões. Há alguns anos suscita diversos trabalhos, juntamente com saberes de experiência e saberes de ação, tanto no campo do trabalho e da formação profissional quanto na escola. O autor estabelece como noção de competência: “capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações”. Ao colocar essa definição, explicita alguns aspectos quando assevera que essa competência insiste em quatro aspectos:

1. As competências não são elas mesmos saberes, *savoir-faire* ou atitudes, mas mobilizam, integram e orquestram tais recursos.

2. Essa mobilização só é pertinente em situação, sendo cada situação singular, mesmo que se possa tratá-la em analogia com outras, já encontradas.

3. O exercício da competência passa por operações mentais complexas, subentendidas por esquemas de pensamento, que permitem determinar (mais ou menos consciente e rapidamente) e realizar (de modo mais ou menos eficaz) uma ação relativamente adaptada à situação.

4. As competências profissionais

constroem-se, em formação, também ao sabor da navegação diária de um professor, de uma situação de trabalho à outra.

Ainda é importante ressaltar, nas palavras do autor, que descrever uma competência, na maioria das vezes, equivale a lembrar três elementos complementares:

- os tipos de situações das quais dá um certo domínio;

- os recursos que mobiliza, os conhecimentos teóricos ou metodológicos, as atitudes, o *savoir-faire* e as competências mais específicas, os esquemas motores, os esquemas de percepção, de avaliação, de antecipação e de decisão;

- a natureza dos esquemas de pensamento que permitem a solicitação, a mobilização e a orquestração dos recursos pertinentes em situação complexa e em tempo real (Id.Ibid.,p.16).

De acordo com o (Parecer 16/99 CNE/CEB, p.25-26), compreende-se por competência profissional:

a capacidade de articular, mobilizar e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho.

O conhecimento é entendido como o que muitos denominam simplesmente saber. A habilidade refere-se ao saber fazer relacionado com a prática do trabalho, transcendendo a mera ação motora. O valor se expressa no saber ser, na atitude relacionada com o julga-

mento da pertinência da ação, com a qualidade do trabalho, a ética do comportamento, a convivência participativa e solidária e outros atributos humanos, tais como a iniciativa e a criatividade.

Pode-se dizer, portanto, que alguém tem competência profissional quando constitui, articula e mobiliza valores, conhecimentos e habilidades para a resolução de problemas não só rotineiros, mas também inusitados em seu campo de atuação profissional. Assim, age eficazmente diante do inesperado e do inabitual, superando a experiência acumulada transformada em hábito e liberando o profissional para a criatividade e a atuação transformadora.

Segundo RIBAS (2000, p.74-76), a competência profissional compreende não só o conhecimento pessoal como também o gerenciamento desse conhecimento e da própria experiência do profissional, para resolver situações indeterminadas e conflituosas que lhe são apresentadas na profissão. Além disso, conta com a influência de um conjunto de fatores afetivos, motivacionais, de atenção e de estilo próprio que influenciam a pessoa e lhe determinam as atitudes e as formas de agir.

Sendo assim, compreende-se que competência supõe uma pessoa em desenvolvimento, com sentimentos de pertença a algo ou não. Não sendo estática, a competência depende da época, dos interesses da sociedade e

das pessoas, da sensibilidade, dos sentimentos e dos valores sobre os quais se assenta, do espaço e do momento histórico de sua realização. Logo, ela não é dada, mas é construída no decorrer da vida com a aquisição de conhecimentos formais e informais e no debruçar-se sobre a própria prática, no movimento dialético ação-reflexão-ação.

Esse processo, que provoca inúmeras idas e vindas entre o fazer e o refletir, é a base de toda ação racional complexa, cujo acerto requer a coexistência do antever, do adequar constante à situação e, quando necessário, da adoção de outro procedimento. Para tanto, é fundamental a criatividade.

Saliente-se que determinados conhecimentos, hábitos e atitudes, assim como algumas concepções pessoais, dificilmente são substituíveis e refeitos sem que o germe tenha sido introduzido na formação básica. Considere-se, aqui, a importância do curso de formação inicial, que deve ser constituído por um complexo de vivências educativas articuladas para facilitar o acesso à cultura em geral, aos conhecimentos científicos, tecnológicos e às práticas necessárias. Para tanto, tem-se que ter em mente não serem as vivências geradas nem desenvolvidas no vazio, mas em determinados espaços, contextos e tempos históricos. Conquistam significado, especialmente pelas relações vividas e pelos nexos estabelecidos no decorrer do processo ensino-aprendizagem, porquan-

to daí resulta a construção do conhecimento e as maiores ou menores possibilidades de desenvolvimento pessoal e de competência profissional.

Por essas razões, é imprescindível ter claro, como PERRENOUD, que a ação competente,

é uma invenção bem temperada, uma variação sobre temas parcialmente conhecidos, uma maneira de reinvestir o já vivenciado, o já visto, o já entendido ou o já dominado, a fim de enfrentar situações inéditas o bastante para que a mera e simples repetição seja inadequada. As situações tornam-se familiares o bastante para que o sujeito não se sinta totalmente desprovido (1999, p. 31).

Levando em conta o exposto, considera-se que a competência compreende o conhecimento da matéria em questão, a capacidade pessoal de acessá-lo e a sua adequada utilização. Por conseguinte, a competência está relacionada àquilo que uma pessoa é, sabe e é capaz de fazer em circunstâncias reais, com sucesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALARCÃO, I. (org.). **Formação reflexiva de professores**. Porto: Porto Editora, 1996.
- 2 BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique**. Genebra: Droz, 1972.
- 3 BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico. Parecer N. 16/99 de 5/10/99.
- 4 DEMO, Pedro. **Iniciação à competência reconstrutiva do professor básico**. Campinas: Papirus, 1995.
- 5 DUGUÉ, E. La gestion des compétences: les savoirs dévalués, le pouvoir occulté. **Sociologie du Travail**. v. 24, France, 1994.
- 6 BORDALLO, D., GINESTET, J. P. **Pour une pédagogie du projet**. Paris: Hachette, 1993.
- 7 MELLO, Guiomar N. **Magistério de I. grau: da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1982.
- 8 PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- 9 PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000 (a).
- 10 PERRENOUD, P. Construir competências é virar as costas aos saberes? **Pátio** Ano 3 n.11, nov.99/ jan.2000 (b), p. 15-19.
- 11 RIBAS, Mariná Holzmann. **Construindo a competência: processo de formação de professores**. São Paulo: OLHO D'ÁGUA, 2000.

12 RIOS, Terezinha A. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez, 1993.